

**GRUPO DE ESTUDOS MEDIATECA ARTE NA ESCOLA: FORMAÇÃO
CONTINUADA QUE PARTE DO DESEJO DE CONHECER**

Manoela dos Anjos Afonso¹
Aparecida Miguel Neto²
Eliete Neves da Silva³
Grazielle Aparecida de Oliveira Ferreira⁴
Itair Regina Carvalho Diogo⁵
Lanna Rocha de Santana Caixeta⁶
Ligia Maria de Carvalho⁷

RESUMO

Este artigo apresenta algumas reflexões parciais referentes às atividades realizadas pelo *Grupo de Estudos Midiateca Arte na Escola: formação continuada de professores de artes visuais*, no ano de 2010. O referido grupo configura-se como um projeto de extensão do Polo Arte na Escola – Goiás (PAE/GO) e conta hoje com a participação de professoras do Centro de Formação dos Profissionais em Educação de Anápolis (CEFOPE), bem como de professoras das escolas de artes da Secretaria de Cultura do mesmo município e também da Universidade Estadual de Goiás (UEG). A partir de estudos semanais, o grupo destacou algumas questões-chave que atualmente orientam sua dinâmica de busca pelo conhecimento no campo do ensino de artes: a) *Como - e de onde - iniciar uma formação continuada em artes para professores que não são formados na área?* b) *Que metodologias adotar numa formação continuada em artes para professores não formados na área, mas que também fazem parte de um centro de formação de professores e desejam atuar na formação continuada em artes?* c) *Como fazer com que as atividades do Grupo de Estudos Midiateca Arte na Escola possam reverberar e chegar aos professores que atualmente são responsáveis pela disciplina de artes nas unidades municipais de ensino da cidade de Anápolis?* d) *Como sensibilizar diretores e coordenadores para a importância da presença dos conteúdos e práticas em artes de forma crítica, sensível e embasada nessas escolas?* O objetivo deste artigo não é responder tais perguntas, mas mostrar o percurso do grupo e as estratégias que adotou ao buscar respostas. Acreditamos que para uma realidade complexa, necessitamos de uma escola que possibilite uma formação crítica e sensível, um ensino que valorize a cultura, as artes e a formação de sujeitos transformadores e propositores, bem como de didáticas elaboradas a partir da identidade e dos saberes

¹ Professora Assistente da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (FAV/UFG), manoanjosafonso@gmail.com.

² Professora do Centro de Formação dos Profissionais em Educação de Anápolis (CEFOPE), da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), cidamiquelneto@gmail.com.

³ Professora do Centro de Formação dos Profissionais em Educação de Anápolis (CEFOPE), da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), eliete@internetecia.net.

⁴ Professora do Centro de Formação dos Profissionais em Educação de Anápolis (CEFOPE), da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), grazielleclara2010@hotmail.com.

⁵ Professora do Centro de Formação dos Profissionais em Educação de Anápolis (CEFOPE), da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), recarvalhodiogo@hotmail.com.

⁶ Assessora Pedagógica de Artes - 6º ao 9º ano, da Secretaria Municipal de Educação (SEMED) de Anápolis, lannarocha@hotmail.com.

⁷ Professora da Universidade Estadual de Goiás (UEG), ligiasun@yahoo.com.

iniciais dos estudantes, que priorizem as ações em grupo e o convívio na construção do conhecimento. A presença das artes na formação dos estudantes é fundamental para a construção dessa escola.

INTRODUÇÃO

Este artigo reúne algumas reflexões em torno de questões-chave surgidas a partir de atividades realizadas no *Grupo de Estudos Midiateca Arte na Escola: formação continuada de professores de artes visuais*, no ano de 2010, no decorrer do processo coletivo de aprendizado e de construção de conhecimento no campo do ensino de artes visuais. Esse grupo de estudos configura-se atualmente como um projeto de extensão oferecido pelo Programa de Extensão Polo Arte na Escola – Goiás (PAE/GO)⁸, o qual firmou uma frutífera parceria com o Centro de Formação dos Profissionais em Educação de Anápolis - Goiás (CEFOPE)⁹, pertencente à Secretaria de Educação desse município.

Juntos, o PAE/GO e o CEFOPE, também com a participação de professoras da Secretaria de Cultura de Anápolis e da Universidade Estadual de Goiás (UEG), vêm produzindo reflexões e ações focadas no desenvolvimento de estratégias de apoio artístico-didático-pedagógico a professores de artes da rede municipal de educação da cidade de Anápolis. Tanto o PAE/GO quanto o CEFOPE destinam-se à formação continuada de professores, sendo este com foco na formação continuada em educação (metodologia, currículo, aspectos didáticos e pedagógicos do ensino formal) e, aquele, na formação continuada no campo do ensino de artes. Diante do perfil das duas instituições, ambas responsáveis pela tarefa de oferecer formação continuada a professores, desenhamos coletivamente algumas atividades do *Grupo de Estudos Midiateca Arte na Escola* para o ano de 2010, as quais se fazem, agora, objetos de reflexão neste texto.

⁸ O Polo Arte na Escola Goiás é um Programa de Extensão e Cultura da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (FAV/UFG) que visa organizar e implementar ações educativas em artes visuais. Desde 2003 a UFG, por intermédio da FAV, mantém parceria com o Instituto Arte na Escola (IAE), sediado na cidade de São Paulo, o qual incentiva e prioriza ações voltadas à formação continuada de professores que atuam nas disciplinas de artes nas redes municipal e estadual de ensino. <http://fav.ufg.br/artenaescola>.

⁹ O Centro de Formação dos Profissionais em Educação (CEFOPE) implementa uma experiência formativa com base na pesquisa-ação com professores alfabetizadores, apóia instituições de ensino superior e de pesquisa no planejamento e organização de eventos na área da educação, contribui com a capacitação de servidores das outras secretarias da Prefeitura Municipal de Anápolis e promove grupos de estudos. <http://www.cefope.zip.net>.

As perguntas que norteiam o desenvolvimento deste artigo e que, certamente, continuarão presentes em nossas atividades em grupo, são:

- a) Como - e de onde - iniciar uma formação continuada em artes para professores que não são formados na área?
- b) Que metodologias adotar numa formação continuada em artes para professores não formados na área, mas que também fazem parte de um centro de formação de professores e desejam atuar na formação continuada em artes?
- c) Como fazer com que as atividades do *Grupo de Estudos Midiateca Arte na Escola* possam reverberar, chegando aos professores que atualmente são responsáveis pela disciplina de artes nas unidades municipais de ensino da cidade de Anápolis?
- d) Como sensibilizar diretores e coordenadores para a importância da presença dos conteúdos e práticas em artes de forma crítica, sensível e embasada nessas escolas?

Apesar de sabermos que respostas objetivas talvez não sejam possíveis, continuamos a laborar tais questões em grupo, a partir de conteúdos que envolvam o ensino, a frequência e a prática em artes visuais, com a finalidade de sensibilizar professores que atuam em sala de aula, num processo de formação contínua movida pelo desejo de conhecer.

1. COMO INICIAR?

“Muito simplesmente pelo meio. É no meio que convém fazer a entrada em seu assunto. De onde partir? Do meio de uma prática, de uma vida, de um saber, de uma ignorância” (Lancri, 2002, p. 18). Esta citação refere-se à metodologia de pesquisa em artes plásticas, ou seja, procura responder à pergunta “por onde se inicia a produção de um trabalho artístico?”. A prática artística e o exercício da docência, ambos constantes no cotidiano de alguns profissionais ligados às artes, fazem-nos pensar em suas diferenças e similaridades. Por onde começar um processo de ensino-aprendizagem em artes? Por onde começar uma produção artística? Tanto ao professor quanto ao artista cabe uma mesma resposta: pelo meio. Produzir e ensinar em artes visuais são ações que convocam conhecimentos teórico-práticos, processuais, metodológicos e criativos

disponíveis no repertório desse docente sensível às investigações em artes. Sendo assim, em nosso grupo de estudos optamos também por partir do meio: do meio de uma relação recém-estabelecida entre docentes de diversas áreas do conhecimento, porém todos interessados no ensino de artes; do meio de um não-saber – comum às práticas artística e docente; do meio da curiosidade e dos desejos de conhecer melhor o universo das artes e o contexto educacional com o qual se vai lidar; do meio da pergunta “para que serve a arte na escola afinal?”.

Ao partir do “meio”, as professoras participantes do *Grupo de Estudos Midiateca Arte na Escola* foram chegando a uma melhor compreensão sobre o lugar no qual se encontravam: perceberam alguns dos motivos que as mantinham reunidas, estudando conteúdos sobre o ensino de artes. Inicialmente o grupo chegou a um objetivo comum: capacitarem-se para, futuramente, atuarem na formação continuada dos professores de artes da rede municipal de ensino da cidade de Anápolis. Foi a partir daí que a primeira questão-chave apareceu: a) *Como - e de onde - iniciar uma formação continuada em artes para professoras que não são formados na área?* Como ponto de partida o grupo começou a trabalhar no sentido de adquirir um conhecimento mínimo sobre a história do ensino das artes visuais. Iniciamos uma leitura do livro “Arte, história e ensino: uma trajetória”, de Dulce Osinski, com posterior discussão sobre a importância de se conhecer esses desdobramentos históricos e sociais do ensino de artes para que, então, seja possível elaborar propostas coerentes, atuais e conectadas à realidade local.

Paralelamente a este estudo, o grupo foi provocado a conhecer a produção artística local e de outras cidades. Foi preciso colocar em exercício o desaprender e o aprender. Construções e desconstruções de conceitos, ideias, preconceitos ligados ao campo das artes visuais, sobretudo ao universo da arte contemporânea, foram – e continuam sendo – trabalhados insistentemente nas discussões em grupo, na experiência direta com a produção artística, no contato com artistas locais, no estudo das falas e do pensamento de outros artistas a partir do estudo dos documentários do acervo da Midiateca Arte na Escola. Segundo Freire (1998, p. 30) “(...) uma das condições necessárias a pensar certo é não estarmos demasiado certos de nossas certezas”. Ou seja, pensar certo, aqui, é pensar/estar aberto. E geralmente, num grupo de estudos em que nenhum dos participantes – com exceção da coordenadora – tem formação na área, um dos primeiros passos para que essa construção de conhecimento em artes seja possível é exercitar o “estar-aberto”, o “estar-disponível” à experiência daquilo que é

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

desconhecido e, até mesmo, daquilo que é desconfortável e feio. Esse foi o segundo importante passo dado pelo grupo: frequentar os espaços expositivos, pesquisar sobre trabalhos artísticos contemporâneos e, quando possível, conhecer pessoalmente os artistas mais próximos, ouvi-los, questioná-los (Figuras 1 e 2). Essa foi a resposta parcial que demos à segunda pergunta-chave enfrentada pelo grupo: *b) Que metodologias adotar numa formação continuada em artes para professoras não formadas na área, mas que também fazem parte de um centro de formação de professores e desejam atuar na formação continuada em artes?* Respondemos que a metodologia é conhecer e vivenciar a arte de perto.



Figura 1. Grupo de Estudos MEDIATECA Arte na Escola em visita à exposição no Museu de Artes Loures, em Anápolis, com mediação do artista Rondinelli Jr. Fonte: Manoela Afonso.



Figura 2. Grupo de Estudos MEDIATECA Arte na Escola em visita ao Centro Cultural da UFG, exposição Prêmio Marcantonio Vilaça. Nesta foto a professora Eliete Neves vivencia o trabalho do artista cearense Yuri Firmeza. Fonte: Grazielle Ferreira.

2. COMO MULTIPLICAR?

No decorrer dos estudos teóricos e das visitas a exposições, o grupo chegou a uma melhor compreensão da importância da dúvida e do inacabamento espalhados por todo esse processo de aprendizagem que estavam vivenciando. Enquanto as professoras nutriam-se teórica e esteticamente com as leituras sobre o ensino de artes e com o contato com exposições e artistas (Figura 3), descobriam lentamente que estavam mais tolerantes ao universo “estranho” da arte contemporânea. E, estando abertas, puderam aprender mais. Descobriram também que mesmo não gostando ou até mesmo detestando muitas propostas artísticas desenvolvidas atualmente, poderiam estudá-las, pois nelas existe uma infinidade de contextos, sentidos, conceitos, operações, métodos e poéticas. Descobriram que arte é pesquisa e que um professor não pode, jamais, embasar sua prática de ensino em seus juízos particulares de valor.



Figura 3. Grupo de Estudos MEDIATECA Arte na Escola em visita à Galeria Potrich, em Goiânia. Exposição Intermittência (vídeo-instalação) e bate-papo com a artista Anna Behatriz Azevêdo.

Fonte: Manoela Afonso.

É nesse momento que o grupo avança: houve o início de uma desconstrução das noções de dom, da condição de beleza na arte, da aura da obra de arte, da materialidade do objeto artístico, do mito do artista. “A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital” (Freire, 1998, p. 35). Um professor deve estar vivo no processo de ensinar e aprender. Estar vivo é estar em movimento, é possuir dúvidas, incertezas e desejos que o movam à pesquisa constante e à criação de seus processos de ensino-aprendizagem. Esse é o professor autônomo capaz de criar e identificar sua metodologia de ensino e de ativar a dúvida e a crítica nos sujeitos da aprendizagem. “Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade” (Freire, 1998, p. 32).

De posse de alguma teoria recém-descoberta e de ricas experiências de visitação a espaços expositivos, o próximo passo do grupo foi tentar mostrar os seus avanços e espalhar a notícia de que fazer ou ensinar no campo das artes exige muita pesquisa. É assim que o grupo chega à sua terceira questão-chave: c) *Como fazer com que as atividades do Grupo de Estudos Midiateca Arte na Escola pudessem reverberar, chegando aos professores que atualmente são responsáveis pela disciplina de artes nas unidades municipais de ensino da cidade de Anápolis?* A partir dessa questão o grupo decidiu conhecer melhor a realidade do ensino de artes nas escolas municipais dessa cidade, com o objetivo de saber quem são esses professores, qual era o seu perfil e como o grupo poderia atraí-lo para uma participação efetiva em grupos de estudos vindouros sobre o ensino de artes em Anápolis. No decorrer desse levantamento, constatou-se a urgência na realização de concursos públicos para professores de artes nas unidades escolares do município. A presença de profissionais licenciados em artes atuando nas escolas é crucial, pois por melhor que sejam as intenções dos professores de outras áreas que complementam suas cargas horárias na disciplina de artes, o campo de conhecimento das artes visuais, ou das artes cênicas, música e dança, possuem suas especificidades, as quais precisam ser respeitadas caso se deseje prezar pela qualidade desse ensino.

Diante desse cenário, angústias pairaram sobre o grupo de estudos: visto que no ensino municipal não existem professores formados em artes ministrando a disciplina, como o grupo poderia contaminar positivamente este professor não formado na área

para que ele pudesse avançar em seus estudos, aprimorar a sua formação e melhorar as suas aulas atendendo a algumas especificidades do campo das artes e, no nosso caso, das artes visuais? Enfim, como fazer com que esse professor pudesse atualizar os seus conhecimentos no campo das artes? Como convidá-lo a também frequentar os espaços da cultura disponíveis na cidade de Anápolis? Como transformá-lo num sujeito curioso no que diz respeito também às práticas contemporâneas em artes?

Segundo Freire (1998, p. 52), “(...) ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. O grupo de estudos procurou criar possibilidades de encontro, diagnóstico e transformação. Como primeira ação nesse sentido, houve a oficialização da parceria entre o PAE/GO e o CEFOPE, o qual recebeu a doação¹⁰ de uma coleção de títulos de DVDs sobre artes visuais. Assim o CEFOPE pode, agora, agir como agente multiplicador no que concerne ao acesso a esse material didático-pedagógico. Recai sobre o grupo a responsabilidade de fazer esse material circular e, sobretudo, auxiliar os professores quanto ao seu uso. Essa é uma boa alternativa para que grupos de estudos sejam formados no CEFOPE com o objetivo de fomentar os estudos no campo das artes na cidade de Anápolis.

A segunda ação realizada pelo grupo com o objetivo de provocar uma aproximação dos professores de artes da rede municipal foi a criação do I Colóquio Arte na Escola de Anápolis (Figura 4), o qual representou um avanço importante para o conhecimento e aprofundamento sobre a realidade do ensino de artes nessa cidade. Neste evento foi possível ter uma noção mais palpável sobre o perfil de professores e coordenadores, sobre as vontades da Secretaria de Educação e da Secretaria de Cultura de Anápolis no que diz respeito ao desenvolvimento de ações pelo ensino de artes no município. Foi muito importante materializarmos, por meio do colóquio, as parcerias em jogo: UFG, UEG, UAB/Anápolis, Secretarias de Educação e de Cultura. O grupo se deu conta de que as instâncias da Cultura e da Educação precisam unir forças para que o ensino de artes em espaços formais e não formais possam continuar se desenvolvendo e atender às necessidades dessa realidade complexa, tanto no ensino de artes quanto na produção artística local.

¹⁰ O Instituto Arte na Escola de São Paulo comumente faz, a seus parceiros, a doação de um número considerável de DVDs da coleção MEDIATECA Arte na Escola, a qual trata sobre diversos temas das artes visuais. <http://www.artenaescola.org.br>



Figura 4. I Colóquio Arte na Escola de Anápolis. Palestra de abertura com o Prof. Dr. Raimundo Martins. Presença de professores de artes e coordenadores das escolas municipais de Anápolis. Fonte: Manoela Afonso.

3. CONSIDERAÇÕES EM ABERTO

Nossa polifonia¹¹ foi afinada a partir do desejo de conhecer e transformar realidades. Nossas “vozes” juntam-se em coro para espalhar a boa-não-tão-nova do poder transformador da arte e da importância da sua presença na escola. Os encontros semanais do grupo passaram a nutri-lo de diversos desejos: o desejo de conhecer melhor a produção cultural local; o desejo de frequentar espaços culturais e ter contato direto com artistas e com sua produção artística; o desejo de compreender, apesar do estranhamento, a produção artística contemporânea; o desejo de sensibilizar/contaminar professores, coordenadores e diretores de escolas no que diz respeito à importância das artes na formação de sujeitos e na constituição de espaços escolares estéticos, políticos e criativos; o desejo de aproximar a Secretaria de Educação da Secretaria de Cultura de Anápolis em prol do ensino de artes – formal e não formal; o desejo de, pelo reconhecimento do não-saber, continuar tendo o desejo de conhecer, experimentar e pesquisar, continuamente.

¹¹ O Grupo de Estudos Midiateca Arte na Escola possui múltiplas “vozes”, vindas de diversos campos do conhecimento: Artes Visuais, Letras, História, Psicologia, Pedagogia.

O grupo tem se perguntado constantemente: uma formação continuada continua o quê? Talvez, independentemente do campo de conhecimento de cada um, a formação continuada deva se comprometer a dar continuidade ao desejo de conhecer. A curiosidade e o estranhamento iniciais que, pelo exercício da crítica e pelo “estar aberto ao desconhecido” possa se transformar numa curiosidade epistemológica (Freire, 1998) e, por conseguinte, em poderosa potência de transformação. “Enquanto ensino continuo buscando, repercurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago” (Freire, 1998, p. 32).

Como resultado parcial destas “consideração em aberto”, apresentamos algumas “falas” das professoras integrantes do Grupo de Estudos Midiateca Arte na Escola. Já que “estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem ‘tratar’ sua própria presença no mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível” (Freire, 1998, p. 64), seguem algumas manifestações dos sujeitos que vivenciam esse processo de ensino-aprendizagem coletivo, mútuo e colaborativo neste grupo de estudos.

Grazielle Aparecida de Oliveira Ferreira: “Na minha humilde opinião, arte contemporânea interroga e atribui novos significados tanto para o autor da obra como para o interator/apreciador que interage com ela. (...) Sem a intenção de demonstrar a perfeição estética, a obra é criada e levada ao público que na maioria das vezes tem dificuldades de compreensão ou até mesmo aceitação (...) causando sentimentos negativos de espanto, de indignação e até medo. O artista contemporâneo tem outra mentalidade, tem a sua identidade de produzir a arte diferentemente daquilo que estamos acostumados a ver e ter como arte. Hoje, através do grupo de estudos, posso compreender, ou melhor, tentar compreender a produção artística contemporânea de uma forma menos arcaica ou menos próxima do modelo de Arte Antiga que conserva a perfeição e a beleza das coisas. Para chegar a esse pensamento não foi tão simples e fácil, pois tive muito sentimento ruim quando visitamos algo diferente ou até mesmo feio. (...) Hoje com um olhar diferente, reconheço a arte na escola como a abertura de portas para um caminho onde o impossível não existe. As artes têm uma relevância que vai além de disciplina no currículo escolar, ela desvela emoções, sentimentos, opiniões que constituem o indivíduo como um ser integral. Considerando o ensino de artes em sua amplitude de conhecimento, ele é fundamental para a formação cultural, intelectual

e social dos atores da escola (aluno como também do professor), pois proporcionam momentos de reflexão, conscientização, interação, troca de experiências e aquisição de conhecimentos no cotidiano escolar”.

Ligia Maria de Carvalho: “Sou insegura quanto aos conceitos e à epistemologia pertinentes à disciplina. Mas, o pior de tudo é o como ensinar. Nisso, a proposta do CEFOPE tem me auxiliado muito porque tem me aberto novas possibilidades de compreender e abordar o tema”.

Aparecida Miguel Neto, Eliete Neves da Silva e Itair Regina Carvalho Diogo sobre sua relação com a produção artística atual: “Ainda é de estranhamento, mas com os estudos realizados no grupo temos nos tornado pessoas diferentes do que éramos, mais sensíveis e ao mesmo tempo mais exigentes, temos necessidade em conhecer e nos apropriarmos das diferentes linguagens artísticas, diante do compromisso que temos com os objetivos do grupo de estudo.”

Aparecida Miguel Neto, Eliete Neves da Silva, Itair Regina Carvalho Diogo e Lanna Rocha de Santana Caixeta sobre a compreensão da presença da arte na escola: “Há uma grande necessidade de pensar em uma formação para os professores que ministram esta disciplina. Uma formação que contemple a busca de novos e diferentes saberes artísticos e que estes saberes sejam significativos e desafiadores. (...) A Arte na escola trabalha a formação integral do aluno. Criar, refletir sobre arte, estar em contato com ela, dentro e fora da aula, observar sua presença e aplicação nos diversos aspectos da sociedade e da vida, enfim vivenciar arte com um olhar crítico, questionador e ético.”

Aspectos que, segundo o grupo, foram melhor desenvolvidos no decorrer das atividades em 2010: “Curiosidade: é um aspecto que tem sido aguçado, temos tido a necessidade de buscar saberes que já estão disponíveis e ainda nos são desconhecidos; Persistência: apesar das dificuldades de disponibilidade de tempo e das adversidades enfrentadas por cada uma temos tido o desejo de continuar neste grupo; Interesse: transitar em outras áreas do conhecimento, bem como pelo compromisso que temos com o objetivo do grupo”.

Aspectos que, segundo o grupo, precisam ser continuamente trabalhados: “Domínio teórico (dominar as diversas linguagens artísticas); autoconfiança (relacionar

e compreender a arte como fenômeno histórico); funcionalidade da arte (qual é a função do ensino de artes?)”.

Itair Regina Carvalho Diogo: “O primeiro e mais difícil passo foi dado, que considero ter sido a iniciativa para buscar um conhecimento consideravelmente com bastante obstáculos, medos, inseguranças, incertezas e dúvidas. Sentimentos esses que nos consumia e que ainda nos acompanham mesmo que com menor intensidade, quando que para muitas de nós por um impulso assumia em abril de 2010 a função de organizar um grupo que voltasse seus olhares para o ensino das artes e que pudesse contribuir com um trabalho de formação dos docentes das nossas unidades escolares da rede municipal de ensino de Anápolis. Nascia então o Grupo de Estudos MEDIATECA Arte na Escola, de forma tímida, mas com suas integrantes muito entusiasmadas com uma desafiadora missão de aprender para ensinar ou melhor, experimentar para depois poder convidar os professores para esta degustação. Aos poucos esse grupo foi tomando forma e nesse percurso, muitas de nós tivemos momentos em que pensamos e expusemos para o grupo nossas frustrações de não conseguir atender as expectativas com relação ao grupo e até mesmo em desistir. Hoje, acredito que as integrantes que até aqui permaneceram, verdadeiramente já assumiram o compromisso de construir coletivamente um aprendizado significativo para a melhoria do ensino das artes. A cada encontro para nossos estudos, leituras e discussões fomos desde então expostas a uma carga excessiva de informações que tivemos e ainda temos muita dificuldade de processar, selecionar e retê-las, que com certeza boa parte destas informações ainda vagam sobre nós. Vamos aos poucos experimentando um novo conhecimento, novas experiências. Contaminadas pelo furor da nossa professora/coordenadora do grupo nos inventamos a cada encontro, sempre buscando uma aproximação maior com as artes visuais. Pois uma de nossas tarefas já está bem definida que é provocar, despertar nos professores o interesse pelo universo das artes. Portanto, compreendemos que é preciso nos envolver com afetividade e algum tipo de emoção para que ocorra em nós uma aprendizagem de forma significativa. Descobrimos que é preciso que seja despertada a sensibilidade para tal aprendizado. Acredito que estamos avançando na superação de encontrar estes sentimentos para que possamos conseguir avançar neste novo percurso. Um dos desafios do grupo é descobrir de que forma vamos “seduzir” os nossos professores para poder transformar, modificar a sua prática para uma aprendizagem significativa através de um ensino tratado de forma mais eficiente tornando as aulas mais interessantes,

desafiadoras, criativas e por que não dizer aulas que sejam ministradas de forma surpreendente com intencionalidade por parte do professor. Mas, para que haja esta transformação é preciso apreciar e sentir encantamento pela arte. Ensinar arte de forma significativa necessita de intenção da parte de quem ensina e se esta intenção não se manifestar nas ações do professor, o que se espera do aluno acaba por inútil memorização. Sendo que arte se aprende para aguçar a sensibilidade e não necessariamente para tornar o aluno um artista. É preciso permitir que o aluno conquiste uma nova maneira de ver, ouvir, se emocionar. É necessário que o professor seja capaz de “acender” em seus alunos a vontade da descoberta, o despertar da curiosidade, a motivação pela aprendizagem, o encantamento pelas artes”.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 8ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- HERNANDEZ, Fernando; OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. **A formação do professor e o ensino das artes visuais**. Santa Maria: UFSM, 2005.
- LANCRI, Jean. **Colóquio sobre a metodologia de pesquisa em artes plásticas na universidade**. In BRITES, Blanca; TESSLER, Elida. O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p. 15 - 33.
- OSINSKI, Dulce. **Arte, história e ensino: uma trajetória**. São Paulo: Cortez, 2001.
- RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira; ASSIS, Henrique Lima. **O ensino de artes visuais: desafios e possibilidades contemporâneas**. Goiânia, Secretaria da Educação do Estado de Goiás, 2009
- SILVA, Ana Rita et al. **Um currículo voltado para a diversidade cultural e formação de identidades**. In. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE GOIÁS. Currículo em debate: reorientação curricular do 1º ao 9º ano. Goiânia: Secretaria da Educação do Estado de Goiás, 2009. p. 30 a 45.